A COBRA E O FOLCLORE SERTANEJO

JÓSA MAGALHÃES

No conceito dos gregos foi a serpente o ser mais representativo do mundo inferior. Por fôrça desta preponderância logrou projetar-se extensa e penetrantemente na Mitologia onde vamos encontrá-la, destacada, em numerosas representações místicas. Ao lado disso, foi parte em extraordinários acontecimentos de viva repercussão no seio da humanidade.

Demais, o reptar-se a cobra, sem membros locomotores, com singular desembaraço, descrevendo curvas graciosas em progressão contínua; o possuir olhos de estranho brilho, profunda agudeza e poder fascinador; o preferir habitar, isolada, em escavações do solo; o despojar-se, periòdicamente, de sua camada epidérmica mais superficial; a circunstância de viver trancada em rigoroso mutismo; a crença de sua longevidade, e, sobretudo, o veneno de ação letífera que excreta, foram, de certeza, as causas do tributo mundial prestado a êste prófugo réptil.

Evento dos mais importantes, o primeiro a ser registado, foi, sem dúvida, o ocorrido no Paraíso terrestre.

A sedução da inocente Eva, promovida por uma ardilosa serpente, no Paraíso terrestre, alcança extraordinária e abrangedora repercussão no espírito dos povos que passaram a povoar a terra, após tão lendário acontecimento. Adquire êle notável relêvo, sobretudo por se colocar no berço da humanidade, e, tanto mais por se considerar a arteirice da cobra a causa prima dos males que se difundiram pelo mundo. Esta proeza confere-lhe as características de sedução e astúcia.

Moisés, à frente dos Hebreus, através do deserto de Sinai, ergueu, no extremo de uma vara a figura de uma serpente com a cobiça de

não ver o seu povo vulnerado com o veneno dêstes répteis, ali pululantes. O Cajado de Moisés exprime, destarte, proteção e defesa. Presume-se que tal símbolo represente a primeira menção da cobra como instrumento terapêutico.

Admite-se que, primitivamente, fôsse a cobra a deusa da Medicina. Posteriormente, uma serpente sagrada brindando a Esculápio com uma erva possessora da miraculosa função curativa, fêz, com isso, transferir a divina prerrogativa de curar à imagem humanizada de Esculápio. Surgiu, daí, o Báculo de Esculápio, que é o emblema universal da Medicina figurado por uma cobra enroscada em um bastão.

Na mitologia grega eleva-se como símbolo de fertilidade e na cosmogenia fenícia simboliza o poder procriador.

Havia as serpentes sagradas, personificadas pelas deusas-serpentes. Atena era uma delas. A deusa-serpente de Trica, cidade da Thessália, uma outra era de sobreassinalada fama. Existiam, de outra parte, os bosques sagrados do culto serpentígero onde as serpentes sagradas viviam e se nutriam.

Nos países nórdico-germânicos a serpente era tida e havida como um animal sinistro.

Em Delphos, a serpente de PYTHON exerceu a regalia de prestigioso símbolo da profecia.

Moedas exumadas em Tiro exibiam efígie de cobra que, assim, significava riqueza pública.

Em paredes de numerosas casas de Pompéia foram encontrados desenhos de serpentes que, tidas como bons espíritos domésticos, representavam emblema de defesa e proteção domiciliar. Em sua honra até altares erguiam-se nessa cidade arqueológica.

Entre os faraós egípcios apresenta preponderantemente o poder pessoal. Conta Aristófanes que Plutus, o deus da riqueza, cego por capricho de Júpiter, recobrara a visão depois que duas serpentes lhe lamberam as pálpebras.

O trágico e espetacular suicídio de Cleópatra, após o triste fim de Marco Antônio, deixando-se morder por uma cobra venenosa, patenteou ao mundo um símbolo iniludível de destruição.

Quando Mercúrio, em missão de paz, fôra designado embaixador entre os deuses, Apolo — a divindade solar — conferiu-lhe um caduceu constante de uma vara com duas serpentes enroscadas. O caduceu de Mercúrio sôbre ser núncio de paz simboliza prosperidade e abundância. Possuía, ainda, o condão de neutralizar o mau olhado dos deuses quando amuados.

Tarasca era uma serpente de grandes proporções, artificial e mal-ajambrada que, segundo João Ribeiro, aparecia nas antigas procissões.

O singular privilégio que lhe é inato e imanente de mudar a pele, anualmente, dá-lhe a significação de rejuvenescimento, juventude e vida eterna.

O culto supersticioso da cobra fixada na consciência das gerações sucessivas, ao través dos tempos, pelo prestígio imanente da tradição oral, passou a integrar-se na estrutura do folclore, tomado, entretanto, de novos aspectos imaginativos e fantasiosos. É, pois, o que se observa na opulenta contribuição da cobra no folclore sertanejo cearense.

Vejamos. Quando vai a cobra beber água deixa, à distância, sôbre uma fôlha sêca, a sua bôlsa de veneno. Se, acaso, de volta não a encontra, fica doida, atarantada, correndo desorientada para todos os lados. Se a cobra sente a necessidade imperiosa de desbarrigar os filhotes, caminha em linha reta e os vai soltando de um a um. Ao despojar-se do último, volta por cima do rastro e vai comendo todos os que encontra. Por isso, comenta o sertanejo, é que não há muita cobra pelos matos. Aliás, as cascavéis são muito prolíficas. Certa vez, com um tiro e pauladas consecutivas matei uma de cujas entranhas retirei 32 filhotes. De outra, assisti ao desbarrigamento de 21 cobrinhas. Ninguém deve tocar com os dedos nos ovos de qualquer pássaro que se encontrem no ninho porque a cobra os vem comer. Cuspindo-se nêles, porém, evita-se que a cobra os coma. Dizem que quando ao meio se corta uma cobra de duas cabeças e se jogam as duas partes em sentido diferente, ainda que distanciado, as extremidades se atraem e se juntam .Quando a cobra olha fixamente para um animal de pequeno porte, êste, inapelàvelmente, se encaminha em direitura de sua bôca. O Instituto Butantã em vão procurou provar, experimentalmente, a autenticidade dêste conceito popular. A propósito, refere-se La Condamine a uma grande cobra anfíbia que, segundo os índios, atraía, invencìvelmente, pela respiração, os animais que dela se aproximavam e os comia. Não se permite dormir o ofendido de cobra nas primeiras 24 horas porque, dormindo, o veneno se difunde com maior rapidez. O indivíduo mordido de cobra não deve ouvir comentários sôbre sua doença porque terá, então, súbita piora. Nenhuma mulher, notadamente em estado de gravidez, poderá aparecer a uma pessoa intoxicada pelo veneno ofídico, pois as condições da doente se agravarão imediatamente. Diz-se que se uma senhora menstruada passar por sôbre uma cobra, esta morrerá. Contou-me Arcelino Tavares, em Canindé, que se uma cobra picar uma mulher menstruada, a cobra é que vem a morrer. E narrou-me um fato comprobatório. Môça de seu conhecimento, certo dia, muito de manhã, foi buscar um pote de água na cacimba, onde uma jararaca a mordeu. Voltando a casa, o pai correu à cacimba com o fito de matar a cobra. Em lá chegando, já a encontrou morta. E a môça que menstruada estava, nada sofreu. Por precaução, ninguém deve atirar em cobra, pois, se por acaso, o projetil do corpo separa a cabeça, esta voa e se vai cravar no atirador, causando-lhe morte imediata. Ao atirar-se em cobra, embora se não faça pontaria na cabeça, o tiro, quase sempre, nela atinge, por isso que o veneno atrai os grãos de chumbo. Quando alguém atira numa cobra e a mata,

vira imediatamente o cano da espingarda para baixo, senão entorta e descalibra. Afirma-se que se o indivíduo mordido por uma cobra conseguir matá-la imediatamente e a conduzir até a sua casa, pendurada de cabeça para baixo, e prêsa à mão pela ponta da cauda, nada sofrerá.

Admite-se haver uma espécie de cobra que mama tanto nas vacas como nas mulheres que amamentam filhos recém-nascidos. Seria a cobra preta. Referem alguns vaqueiros que certas vacas boas de leite, de um dia para outro, sem motivo plausível, secam os úberes. Justificam êste fato como sendo a cobra preta que penetrando à noite no curral rouba-lhes o leite. Mulheres há que, ao darem à luz, temem a visita noturna da cobra que lhes sugaria, durante o sono, o precioso leite do filhinho. Por isso, precatadamente, fecham bem as portas e tapam os buracos que por acaso existam nas paredes a bem de prevenirem a penetração da cobra. Acrescentam que a cobra, enquanto sorve o leite materno, à guisa de chupeta, põe a extremidade da cauda na bôca da criança a fim de não acordá-la, pois, acordando-a, despertaria a mãe. A cobra, destarte, evidenciaria ágil e sutil raciocínio.

Admite-se haver uma relação de idade entre a cascavel e o guizo da ponta do rabo. Se êste apêndice caudal contém, por exemplo, 12 anéis engrazados uns aos outros, significa ter a cobra êste número de anos. Pesquisas já orientadas neste sentido não ofereceram confirmação.

O movimento rápido que a cobra executa ao picar uma prêsa nomeia-se bote. Tanto que deita a peçonha em sua vítima, num átimo, tal fôra um sistema de molas em ação, ela se retrai e se queda numa postura de expectativa, apta para uma segunda investida. Garantem que o bote tem o alcance igual ao comprimento do corpo da cobra, o que não é veraz. Verifiquei, pessoalmente, que só a cabeça e o pescoço entram em movimentação no referido ato.

Dizem que há uma cascavel de quatro ventas que é a mais venenosa. Pica o indivíduo e alça a cabeça para observar-lhe a queda fulminante, poucos passos mais adiante. Sustenta o sertanejo que o indivíduo picado desta espécie só o Senhor São Bento poderá resgatá-lo da morte. Pesquisas de observadores contradizem esta versão. A cobra, normalmente, mostra quatro orifícios no focinho, sendo dois das narinas e dois outros das fossetas lacrimais.

Pondo-se sarro de cachimbo nas ventas de uma cobra venenosa ela se contrai tôda e morrerá dentro de poucos instantes. De igual passo, morrerá, com a mesma pressura, se morder uma vara de pinhão bravo com que se lhe toque.

São Bento, o fundador da ordem dos Beneditinos, é o protetor dos rurícolas contra as cobras venenosas. Tem êle o poder de afugentar e dominar as cobras venenosas. Tôda a gente confia na proteção dêste Santo. Conta-se que se, por acaso, à noite, viajar alguém por um caminho e se, a súbitos, chocalhar em sua frente uma cas-

cavel, com muita fé diz para ela — "Esteja prêsa por ordem do Senhor São Bento. Nem para a frente, nem para trás, nem para um lado, nem para outro." Ao mesmo tempo que isso vai dizendo, dá-se um nó na fralda da camisa ou na ponta de um lenço. A cobra não se moverá durante o tempo que persistir o nó. Desta maneira, no dia seguinte, o indivíduo volta ao mesmo sítio e mata a cobra ainda imobilizada. Também, em noites escuras, os viajores, de instante a instante, repetem quadrinhas como estas:

São Bento, água benta
Jesus Cristo no altar
As cobras dêste caminho
Afastem que eu vou passar.

Meu glorioso São Bento
Confio em vosso poder,
Livrai-me desta serpente
Que ela quer me morder.

Muitos sertanejos, ao deitarem-se à noite, ou pela manhã, ao saírem para o campo, rezam um padre-nosso e uma ave-maria ao Senhor São Bento, rogando-lhe que os livre de picada de cobra. É comum conduzirem, apensa ao pescoço, uma venera dêste santo protetor. Geralmente no dia de São Bento, 21 de março, os camponeses não trabalham. Guardam, pois, o dia daquele que os protege contra as mordeduras de cobra.

A carne, a banha, a pele e o guizo de cobra são substâncias integrativas do formulário terapêutico do sertanejo. Quando se tem ferida braba, toma-se, diàriamente, uma colherinha de banha de cascavel. Um pedacinho de cobra coral embolsado e pôsto ao pescoço, cura asma. Para terçol não há coisa melhor do que colocar-se sôbre êle um fragmento de casca de cobra. Para dor de dentes fuma-se, em cachimbo de barro, um chocalho de cascavel pulverizado. Um chocalho de cascavel prêso ao pescoço, por cordão encarnado, aplaca as dores de ouvido. Cura-se retenção de urina amarrando um maracá em uma das pernas. Ainda para asma torra-se o crótalo da cascavel, de seguida reduz a pó, e, com êste pó se prepara chá que, com proveito, é ministrado por ocasião dos acessos. Pode-se, também, aspirá-lo pelo nariz como se fôra rapé. Tem-se por hábito, igualmente, cozer o guizo e beber-se o caldo. Contou-me José Francisco de Andrade, residente no município de Canindé, haver um filho que muito sofrera de asma. De princípio, nada lhe minorava os sofrimentos. Um dia, Josias Gomes, morador em Jacu, ensinou calcinar um maracá de cascavel de que fizesse chá e ao menino desse-o a beber. A criança que estava de quatro anos de idade, durante alguns dias, com regularidade, tal chá usou e, bem logo, logrou curar-se.

Hoje, anda nos 24 anos e nunca jamais acometida foi de acesso de asma.

Entre os sertanejos, tais quais os lavradores do Tirol, existe o formal conceito de que o consumo de carne de cobra, ao homem, permite uma boa saúde e o faz alcançar um estágio de vida muito alto. Assim é que o Dr. Alberto Tavares conhece um funcionário da R.V.C. que dizia haver-se curado de atroz reumatismo comendo paçoca de carne de cascavel. Conforme informação de J. de Figueiredo Filho, Adão Apolinário de Alencar, residente no Cariri, agredido de insidioso reumatismo e depois de buscar as luzes de 16 médicos, sem melhora satisfatória, recorreu à carne da cascavel. Gulosamente comeu 14 cobras com o que melhorou suficientemente. O mesmo J. Figueiredo Filho adianta que "o padre Irineu Lima Verde, Professor da Faculdade de Filosofia do Crato, bom apreciador de pratos de cobra, é apologista da cascavel, como curativa e preventiva do reumatismo".

No tocante à terapêutica da intoxicação ofídica o povo já tem conhecimento de existir contra ela uma injeção eficaz. Nem sempre, porém, êsse recurso se encontra à mão, de sorte que a terapêutica popular continua a ser utilizada sem discrepância. Entre as populações rurais vige o conceito de que a cachaça age contra o veneno, por forma que, bastantes vêzes, é o primeiro remédio que se ministra a um mordido de cobra. Diz-se mesmo que um bêbado não morre em sendo mordido de cobra. E, a êste propósito, contou-me um sertanejo a seguinte história tida como verossímil: Um melado contumaz estêve a beber na rua até alta noite. Já sobretarde, botou-se para sua residência que ficava a certa distância. De caminho, adregou cair justamente por cima de uma cascavel. A cobra passou a noite picando o sujeito. Pela manhã seguinte foi encontrado ainda na mesma postura, arrojado sôbre a cobra, todo mordido. E não morreu. E. F. Schmidt, conhecida autoridade sôbre cobras e répteis, chegou à conclusão de que a aguardente que o indivíduo ingere não combate o veneno, amofina-lhe, ao contrário, as defesas orgânicas e esmorece a energia cardíaca, permitindo, destarte, que o tóxico mais de fácil tome posse do organismo.

Informaram-me que, no sertão, toma-se a camisa suada de um trabalhador, espreme-se e o suor colhido dá-se a beber à pessoa mordida de cobra. Afirma Nery Camelo que "no interior do Piauí, o chá das fezes humanas é aplicado para mordedura de jararaca". Disse-me um vaqueiro de Santa Quitéria que o melhor remédio contra a picada de cobra é matar a cobra, retirar-lhe o fígado e comê-lo cru, imediatamente. A propósito, contou-me um agricultor de Uruburetama, que, certo dia, estava de parceria com um companheiro a limpar uns matos no roçado, quando, de inopino, uma cascavel monstra sacudiu-lhe um bote certeiro no dorso do pé direito. Com três destemidas enxadadas, num átimo, êle próprio matou o temeroso ofídio. Incontinenti, o seu companheiro de trabalho, com desem-

baraçada disposição, abriu a cascavel e extraiu-lhe o fígado que o ofendido, ali mesmo, o comeu, cru e insôsso. Retirou-se para casa e não teve nem dor de cabeça. É bem aforado o vêzo de beber-se leite, em abundância, até repugnar. Aliás, confere-se ao leite a prerrogativa de antitóxico. Não se desadora, entretanto, a clara de ôvo bem batida à mistura com fôlhas de arruda. Muito insinuado é o chá do couro de guaxinim. O seu aproveitamento se relaciona com uma lenda singela e assaz vivedoura entre as populações rurígenas. Conta-se que dois irmãos, muitos amigos, saíram de casa, certa manhã, para uma caçada. Já sobretarde, após de proveitosos disparos e quando encetavam o retôrno à residência, aconteceu que, dêles, um fôra picado de cobra venenosa. Nesta conjuntura, estugaram os passos de regresso. A breve trecho, porém, o ofendido desfalecera e foi por terra. De mais a mais agravava-se-lhe o estado de saúde. Ao irmão e companheiro acorreu calçar-lhe a cabeça, à guisa de travesseiro, com um bornal de couro de guaxinim que conduzia. Precipite, as energias evanescentes se revigoram. Puseram-se, então, de caminho. Boa distância haviam calcurriado quando o acometeu segundo desmaio. Pôsto de nôvo em contato com o bornal, novamente se incrementa de suas fôrças. E foi assim que se veio a conhecer o mérito terapêutico do couro do guaxinim. Daí por que é êle hoje tão prezado. Referiu-me um vaqueiro do município de Canindé que o chá da raiz de qualquer árvore que, em ângulo reto, corte uma vereda, é bom para picada de cobra. Nesta receita, de par com a idéia de simpatia, há um símbolo sobremaneira curioso: — é a raiz sinuosa, reptante, atravessando um caminho qual uma cobra.

Há vários chás que se recomendam com muita insistência, entre êles os das raízes do carro do santo, o do caroço do abacate e o xarope da casca queimada da castanha do caju. O chá do batatão ou cabeça-de-negro tem emprêgo muito aforado.

Além dêstes remédios originais e interessantes, muitos outros são aconselhados, tais como tomar garapa de rapadura até repugnar, beber leite cru em abundância até vomitar e comer melancia até arrotar. A água da fôlha da bananeira, às colheradas, de hora em hora, é largamente recomendada. Muitas pessoas referem-se ao chá das penas da nambu codorniz. Do alho faz-se chá, e, moído, aplica-se localmente, sôbre a picada. Também come-se cebola até não mais agüentar. Em relação ao alho e à cebola, refere Castiglioni que Dioscor receitava como remédios contra a mordedura de serpentes certo número de ervas entre elas cebola e alho. Muito costumeiro é mergulhar em querosene o órgão ofendido.

Contou-me em Pedra Branca um vaqueiro de Independência que, certa feita, foi mordido de uma cascavel no terreiro de sua casa. Sem nutação, tomou, imediatamente, de um tição de fogo de sabiá e queimou, bem queimado, no lugar da mordida. E, em crédito dêste arrôjo pessoal, mostrou-me uma grande cicatriz, saliente e irregular, no bordo externo do pé esquerdo. Informou-me um rurícola que um

seu sobrinho, ao meter a mão em um fojo de preá, uma cascavel fisgou-o na ponta do polegar esquerdo. O rapaz não teve dúvida. Puxou a faca, pôs o dedo sôbre um tôco e com um violento golpe eliminou a ponta do dedo ofendido.

Muito acreditada é, no sertão, a Pedra-de-veado ou Pedra-de-cobra que, posta sôbre a mordedura da serpente, aí adere fàcilmente e se enegrece pela absorção rápida do veneno inoculado, acarretando, destarte, a cura imediata do indivíduo. Segundo o testemunho dos sertanejos, o seu préstimo é incontestável. A página 19 de *Aves de Arribação*, de Antônio Sales, aparece o Pinheiro, curador de cobra, que vai curar o filho de um tal Severino com a Pedra-de-veado. Tais pedras são guardadas cuidadosamente por seus possuidores que as emprestam com muita satisfação, quando solicitadas para alguma cura. Tive várias oportunidades de examinar algumas delas, sem, todavia, identificar-lhes a natureza. Não são uniformes. Variam na morfologia, na dimensão e na côr. Umas são claras, outras escuras. Quase sempre apresentam superfície rugosa ou áspera. Informaram-me que umas são feitas de chifre de veado e outras de osso poroso de qualquer animal. Ninguém informa como se pode obter uma destas pedras.

Conta Martius entretanto que os índios "cortam a armação do veado em pedaços quadrangulares, de uma polegada de comprimento, reduzem-no quase a carvão e nêles gotejam a banha que o jacaré segrega nas duas bôlsas situadas embaixo do pescoço. Os pedaços de chifre assim preparados são amarrados sôbre as mordeduras de cobra das quais absorvem todo o veneno." Comenta, ainda, que "êste remédio é levado em consideração e tido como infalível por muitas pessoas de descendência européia que o trazem sempre consigo".

O uso destas pedras nas mordeduras de cobra não é privativo dos nossos sertanejos. É de origem mui remota e parece ter aplicação universal. Senão, vejamos. Afonso de Taunay, entre os trechos que transcreve de Gabriel Dellon, médico e viajante francês, seiscentista, que passou mui ràpidamente pelo Brasil e que, mais demoradamente estêve nas Índias destaca o seguinte: "usa-se na Índia uma pedra que se diz encontrar na cabeça de algumas cobras, e por essa razão são chamadas em português pedras-de-cobra. Aplica-se sôbre a ferida a que adere sem que seja necessário segurá-la, e quando se acha embebida de tanto veneno quanto possa conter, cai por si. Põem-na, então, dentro do leite onde descarrega o que suga, e continua-se assim a aplicá-la, até que não adira mais por si, o que indica não haver mais perigo. Quando se deita tal pedra ao leite aí descarrega todo o veneno, e o leite parece cheio de imundícies e de diversas côres. Já vi muitas vêzes o efeito dessas pedras; encontram-se poucas boas e muitas, mal feitas sem eficiência alguma."

Releva acentuar que a informação de Dellon, divergente no tocante à gênese da pedra, coincide justalinearmente com o procedi-

mento do sertanejo que no leite nunca deixa de mergulhar a pedra após a sua aplicação.

De sua parte, acrescenta Artur Castiglioni, que na Índia Setentrional "muitos têm fé na chamada *pedra-das-serpentes* que parece tratar-se dum pedaço de osso empojado de sangue cozido várias vêzes, ao qual se atribuem propriedades absorventes tais, que podem extrair o veneno das feridas."

No sertão ainda se combate a intoxicação ofídica a poder de rezas fortes, especìficamente oficiadas por curadores de cobra profissionais, pessoas tidas por imunizadas contra a intoxicante peçonha das cobras.

Nupérrimo não é êste conceito de curador de cobra vigente entre as populações rurígenas. Refere-se Plínio aos Marsos, habitantes de Chipre, que, sôbre serem dotados de tal prerrogativa, fruíam o privilégio de curar o indivíduo mordido de cobra a que tocassem ou deitassem um pouco de saliva. Os nossos homens, havidos por curados, desfrutam as mesmas vantagens de curar os seus semelhantes ofendidos de cobra e se valem de processos mais ou menos consímiles.

Em norma, a cura se faz a poder de orações fortes. Às vêzes, também, por mercê de um pouco de saliva do curador posta na bôca do envenenado, por uma simples mirada sôbre êle ou um breve tocar de dedos em seu corpo. Outras vêzes, distante o curador, manda um objeto de seu uso pessoal que há de pôr-se em contato com o doente, ou, olhando no rumo da sua residência, ao longe, dirige-lhe uma oração curativa.

Conta João Nogueira, não sem acerada ponta de ironia, que "os curadores de cobra não rezavam. Curavam por um poder misterioso que possuiam. Ficou célebre nos sertões de Sobral um certo Saldanha, cujo poder sôbre o veneno era superior ao de São Bento. Reza a tradição que, já estando muito idoso e não podendo mais atender a chamados para lugares distantes, mandava ao mordido a sua jaqueta. Se êste ainda estivesse vivo, bastava que lha pusessem sôbre o peito para operar-se a cura maravilhosa. De sorte que Saldanha conseguia com a sua jaqueta aquilo que o Instituto Butantã só logrou obter depois de anos de muitos estudos, de muito laboratório, muita paciência, muita química."

Leio em Gustavo Barroso — "Um indivíduo é mordido de cobra. Corre um parente à casa do curandeiro levando o chapéu do enfêrmo. E, com aquêle objeto na mão, voltado para o lugar em que está o doente, o feiticeiro reza em voz baixa. Juram que escapa."

Assegura Luís da Câmara Cascudo que "os curandeiros sertanejos do Nordeste cospem na bôca do animal mordido pela cobra e o salvam. Em Augusto Severo, Rio Grande do Norte, o negro Antônio Gambeu era famoso por essa especialidade."

Pedro Ximenes, residente em Iumirim, município de Urubureta-ma, a seu respeito, narrou-me o seguinte: — "As cobras têm muito mêdo de mim. Não sei o que elas têm comigo. Quando me vêem, cor-

rem. Tenho cuspido na bôca de muito bicho bruto e com isto nenhum morre. Já me disseram que eu sou curado de cobra, de nascença."

Acredita-se que a pessoa nascida em domingo é naturalmente curada de nascença.

Não sòmente o homem goza da regalia da imunidade pessoal e da concessão neutralizadora do veneno em seus semelhantes. Admite-se, também, a imunidade de certos animais, que, assim, por igual, adquirem a capacidade de curar tanto os da sua espécie como os indivíduos da espécie humana. Informou-me um vaqueiro de Tamboril que possuia um cachorro curado. Bastava lamber o ponto de inoculação do veneno para o ofendido restituir-se à saúde. Por isso, sua presença era solicitada tôda vez que havia um mordido de cobra na redondeza da fazenda em que vivia.

Referiu-me o Dr. Pompeu Sobrinho haver verificado em Quixeramobim o caso de um indivíduo que, picado de cobra, aguardava, para morder, a brida mandada vir de uma fazenda próxima e que era usada de um cavalo tido como curado de cobra.

Os curadores de cobra, de presente, inda são encontradiços no sertão. Um dêles, Emílio Marques da Silva, residente em Senador Pompeu, disse-me, uma vez, que "para mordida de cobra só Deus e um bom curador". E, num tom de incontida basófia, acrescentou ser curado de nascença e que curava com os olhos e o cuspe.

Informam, ainda, os sertanejos que há vários animais que movem constante perseguição às cobras, a ponto de matá-las e comê-las. O teiú ou tejuaçu, por exemplo, entra em luta renhida contra as cobras venenosas, chegando ao ponto de matá-las. Quando sucede, porém, ser picado por uma delas, desprega-se da pugna e flecha-se para um pé de batatão, de cuja batata come um naco, voltando à liça curado e imunizado. Daí o prestígio terapêutico do batatão ou cabeça-de-negro entre os rurícolas. Assim imunizado o tejuaçu açoita a cobra com a cauda e a fere a dentadas até matá-la. O gambá ou jirita enfrenta a cobra por meio da emissão de um jato de urina que, possuindo cheiro nauseante, constitui arma de ataque e defesa. Quando a cobra se encontra sufocada com o mau cheiro da urina, a jirita avança e a mata. As rapôsas que, de regra, andam sempre acasaladas, quando encontram uma cobra perseguem-na com o recurso de uma tática original. Uma delas, à pouca distância, fica à espreita. A outra, astuciosamente, põe-se a correr à volta do temeroso ofídio. Quando a rapôsa, que circula, percebe que a cobra, de cabeça erguida, está fatigada de observá-la na corrida circular, faz qualquer sinal para a companheira que, então sùbitamente pula sôbre a cobra e a mata.

Entre aves e pássaros as cobras encontram, igualmente, inimigos ferrenhos e constantes.

A seriema ataca frontalmente qualquer cobra que lhe apareça. O cancão é um pássaro associativo. Anda sempre em bando salti-

tante de árvore em árvore. Quando o bando encontra uma cobra há um grande alarme de gritos a seu redor. Dão-lhe bicadas traiçoeiras e a matam. A cauã, por sua vez, não dá tréguas às cobras. Abrindo uma das asas, à guisa de escudo, corre aos pulos à volta da cobra, ora por um lado, ora por outro, ferindo-a mortalmente com bicadas violentas. Acrescenta-se que, quando canta a cauã, as cobras, medrosas, recolhem-se aos seus esconderijos. A cobra muçurana não possui veneno, mas afirma-se que briga, mata e come as venenosas. Narra o prof. Bertarelli, em sucinta descrição, a luta a que assistiu no Instituto Butantã entre uma muçurana e uma jararaca.